

O RACISMO NAS PÁGINAS DE X-MEN: CRÍTICAS À SEGREGAÇÃO RACIAL E À INTOLERÂNCIA

Kauê Souza Martins¹

Resumo: Este artigo procura fazer uma contextualização histórica a respeito do movimento negro nos EUA e de sua trajetória que desemboca nas vitórias institucionais por direitos civis durante as décadas de 1950 e 1960. Desta forma, é realizada uma relação com os quadrinhos dos X-Men produzidos e publicados na segunda metade da década de 1960, de forma a pontuar como os criadores das histórias buscaram transmitir e levantar reflexões acerca dos valores que circulavam na sociedade norte-americana durante o período.

Palavras-chave: Estados Unidos; *Civil Rights*; *X-Men*

THE RACISM ON X-MEN PAGES: CRITICISM FOR RACIAL SEGREGATION AND FOR INTOLERANCE

Abstract: This article seeks to make a historiographical review about the black movement in the USA and his trajectory that leads to institutional victories for Civil Rights during the 1950's and 1960's. In this way, a relationship is made with the X-Men comics produced and published in second half of the 1960's, in order to highlight how the creators of the stories sought to transmit and raise reflections about the values that circulated in American society during the period.

Keyword: *United States of America*; *Civil Rights*; *X-Men*

Introdução

A partir da análise dos conflitos sociais e culturais na sociedade norte-americana na segunda metade do século XX e das histórias em quadrinhos do X-Men produzidas pela *Marvel Comics* a partir da

¹ Graduado em História. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6034464562688745>. E-mail: inkaueart@gmail.com

década de 1960, é possível se perceber como este veículo da cultura pop retratou e fez críticas a um recorte histórico dos Estados Unidos a partir das primeiras histórias dos mutantes. As páginas dos *X-Men* representam em sua essência críticas a um quadro de intolerância e preconceito presentes no imaginário norte americano desde seu período escravista, e que persiste com força até a contemporaneidade de sua história. Como afirma Stan Lee², o pilar principal de criação dos *X-Men* foi a pretensão de mostrar que a humanidade nunca aceita completamente aqueles que são diferentes³, fazendo assim alusão ao momento em que uma hegemonia de homens brancos demonstrava intolerância e preconceito contra minorias, sobretudo, no recorte proposto, para com a população negra.

Mesmo após a abolição da escravidão no século XIX, observa-se uma grande resistência por parte de uma parcela da população branca, sobretudo dos sulistas, em reconhecer a liberdade e os direitos civis que os negros deveriam ter por direito. Os *Black Codes* exemplificam de maneira clara essa resistência, uma vez que por meio destas legislações estados como Mississippi, Louisiana e Geórgia continuavam justificando práticas de discriminação e subordinação de ex-escravos. Os *Black Codes*, portanto, representavam uma tentativa de controle do processo de emancipação da população negra a partir da negação da igualdade civil, política e social⁴. E, apesar dos entraves apresentados aos *Black Codes* no período de Reconstrução (1865-1877) e sua tentativa inicial de integrar os afro-americanos, nota-se a

² Fundador da Marvel Comics e co-criador dos *X-Men*.

³ *WITH Great Power: The Stan Lee History*. Direção & Produção: Nikki Frakes, Terry Douglas & Will Hess. Nova York: Filmbuff, 2012, 1 DVD (80 min).

⁴ FONER, Eric. *Nada além da Liberdade: A emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988

persistência do preconceito na imagem das *Leis Jim Crow*⁵, as quais representavam uma grande segregação racial e continuavam a negar os direitos da 14ª Emenda, ratificada em 1868, que garantia a cidadania a todo aquele nascido ou naturalizado em território americano, assim como da 15ª Emenda, de 1870, que estabelecia o sufrágio universal a todo cidadão⁶. Essa segregação institucional se fez presente até 1965, após as primeiras vitórias institucionais do *Movimento Negro*, e do *Civil Act*, promulgado em 1964, prevendo o fim dos sistemas estaduais estruturados pelas *Leis Jim Crow*.

Ao longo do percurso do movimento negro e de suas reivindicações e vitórias institucionais, houve episódios e implicações destes que marcaram a história norte-americana, e são esses episódios específicos que a *Marvel Comics* alegorizou nas páginas de *X-Men*, de forma a relacionar sua narrativa crônica com acontecimentos históricos, e inserir críticas ao racismo, à segregação, e à violência. Stan Lee transmite em seu roteiro essas críticas ao mostrar a segregação e a violência dos humanos para com os mutantes, simplesmente pelo fato de serem diferentes e apresentarem características que se desviam do curso da hegemonia predominante. A década de 1960, que representava a primeira fase dos *X-Men*, tratava essencialmente desta relação para com os *Civil Rights*, assim como o preconceito e intolerância, enfrentados pelo movimento negro.

⁵ Leis estaduais e locais que impunham a segregação racial no sul dos Estados Unidos. Foram promulgadas no final de século XIX e início do século XX por legislaturas estaduais.

⁶ ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Constituição (1787). Constitution Of The United States, Washington D.C. Disponível em: <https://www.archives.gov/founding-docs/amendments-11-27>. Acesso em: 27/04/2020

Os caminhos até as primeiras vitórias do movimento negro

Tomando por ponto de partida as *Leis Jim Crow* como elementos de origem que marcam um preconceito expressado no final do século XIX, pode-se notar que estas reforçavam a segregação racial por mecanismos semelhantes aos dos *Black Codes*. Ao analisar estas leis promulgadas por legislaturas estaduais, entende-se como o racismo foi enraizado de maneira institucional nos Estados Unidos ao longo de décadas após o fim da escravidão, e como isso teve um impacto significativo na segunda metade do século XX. As *Leis Jim Crow* afirmavam o racismo e a condição social inferior a que a população negra era submetida através da segregação, além do descaso para com decisões inconstitucionais. Um exemplo claro dessa submissão a condições inferiores e dos descansos judiciais é do caso *Plessy vs Ferguson*, o qual previa uma continuidade da segregação escolar entre brancos e negros, mas que instituía que ambos deveriam desfrutar de serviços públicos de mesma qualidade⁷. No entanto, o caso que trazia um discurso de “igualdade” jamais teve tamanha efetividade: nota-se claramente que as instituições públicas de ensino destinadas aos estudantes negros tinham um padrão de decadência, com estruturas negligenciadas e recursos escassos devido ao baixo investimento público⁸, enquanto que instituições voltadas ao ensino da população branca tinha um índice de qualidade muito superior.

Assim, a vida da população negra nos Estados Unidos seria marcada pelo descaso institucional, e por um racismo que garantia a segregação e negligência social da minoria. No entanto, não podemos

⁷ SYRETT, Harold C. (org.). *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 246

⁸ KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement: abridged edition of “From Jim Crow to civil rights the Supreme Court and the struggle for racial equality”*. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

afirmar que essa parcela marginalizada socialmente aceitou tais injustiças e preconceitos calados: desde o período escravagista, a população afro-americana resiste as suas formas contra a opressão social. A partir do século XX se desenvolve um movimento negro organizado, com a criação de organizações como a NATIONAL ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF COLORED PEOPLE (NAACP), e na década de 1950 ascende o movimento pelos direitos civis da população negra, demonstrando assim, como afirma Sean Purdy⁹, que: "(...) Eles, porém, não foram vítimas passivas. Importantes organizações políticas negras haviam atuado na primeira metade do século, mas as condições dos anos 1950 e 1960 propiciaram o estouro de um movimento em massa"¹⁰. Assim, com uma articulação mais organizada, o movimento negro começa a ver as primeiras vitórias institucionais nos anos 1950. O principal exemplo destas primeiras conquistas institucionais é o caso *Brown vs Topeka Educational Board*, de 1954, em que o veredicto foi o do fim da segregação escolar proposta pelas *Leis Jim Crow* nas escolas públicas. Esse exemplo reflete de maneira concisa o grau de participações, protagonismos e desconstruções para com o contexto: a participação ativa de organizações do movimento negro, a atuação de Thurgood Marshall¹¹, o qual se utilizou de argumentos pautados na psicologia para garantir a vitória institucional no caso, e um permanente ataque legal contra as práticas e *Leis Jim Crow*¹², tornando evidente para a opinião pública que a "separate but equal" doctrine (doutrina dos "separados, mas iguais"), estabelecida na decisão *Plessy*

⁹ Professor Doutor de História da América Independente com ênfase nos Estados Unidos, no Departamento de História da Universidade de São Paulo

¹⁰ PURDY, Sean. *Rupturas do Consenso: 1960 - 1980*. In: KARNAL, Leandro (et al.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo, Contexto, 2008, p. 243

¹¹ Advogado com histórico bem sucedido em debater sobre questões raciais em tribunais federais e na Suprema Corte durante o movimento dos direitos civis.

¹² KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement: abridged edition of "From Jim Crow to civil rights the Supreme Court and the struggle for racial equality"*. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

v. *Ferguson* em 1896 contribuía para promover a desigualdade social¹³, desconstruindo assim uma doutrina segregacionista que até então mantida na homogeneidade da sociedade norte americana.

Nota-se que os primeiros frutos dessa atuação contra a desigualdade social e política que assolava os negros nos Estados Unidos do século XX começaram a aparecer na década de 1950, com vitórias jurídicas frente à segregação escolar. Já na década de 1960, observa-se um quadro mais aberto e favorável ao movimento do *Civil Rights*, com a legalização pela Suprema Corte e expansão dos direitos de acesso à locais públicos e estabelecimentos privados com caráter público (shoppings, restaurantes...), dando continuidade no caminho trilhado pelo movimento negro na luta por seus direitos civis. Porém, mesmo com vitórias e tomadas judiciais legais acerca destas, o racismo e o segregacionismo permaneciam na sociedade de maneira institucional. O estado do Alabama seguia sendo palco do racismo instituído com força pela supremacia branca da *White Citizens' Councils*, organização responsável pela criação de uma atmosfera de intimidação e repressão violenta na década de 1950¹⁴. Mesmo com a decisão judicial pelo fim da segregação racial, essa organização de uma supremacia branca resistiu ao caso de forma a criar uma rede privada de ensino, a qual garantiria a continuação da segregação racial no âmbito escolar, contornando assim a disposição implantada no sistema público de ensino. Frente a essa continuidade segregacionista, o movimento negro continua sua investida nos *Civil Rights*, organizando uma série de marchas e manifestações que apelavam à opinião pública para garantir suas reivindicações. Uma das marchas mais conhecidas e emblemáticas do início da década de 1960 foi a Marcha por

¹³ PACKARD, Jerrold M. *American Nightmare: the history of Jim Crow*. New York, St. Martin's Griffin, 2003.

¹⁴ BROGAN, Hugh. *Unfinished Business 1954-68*. In: _____. *The Penguin History of the USA*. 2a. Ed. New York: Penguin Books, 2001, p. 627.

Birmingham, organizada por Martin Luther King Jr., e que ocorreu no mesmo espaço a pouco citado, numa cidade do estado do Alabama.

Neste episódio, houve uma marcha pacífica pelo movimento do *Civil Rights*, já apoiado por uma parcela maior da população norte-americana, a qual foi reprimida violentamente. A série de protestos organizados por Martin Luther King Jr. sofreu repressão das autoridades locais em frente às câmeras da televisão nacional, o que mobilizou a opinião pública em favor do movimento devido à brutalidade, principalmente contra crianças e idosos que participavam dos protestos. O fato da cobertura da imprensa ter transmitido a hostilidade autoritária sobre um protesto pacífico para todo o país, fez com que houvesse grande simpatia da opinião pública para com o movimento negro, o que acarreta a este uma grande vitória, mesmo que não tenha cunho institucional.

Desta forma, compreende-se que a década de 1960 foi tão expressiva quanto a década de 1950 para o movimento dos *Civil Rights*, uma vez que expandiu suas conquistas para além do âmbito institucional, ganhando o apoio popular através da opinião pública e alinhando uma maior parcela da população a favor de suas reivindicações sociais. A década de 1960 significou a conquista de muito direitos para os negros nos Estados Unidos, como a proibição legislativa da discriminação em prédios públicos e locais públicos de propriedade privada (restaurantes, lanchonetes...), o direito de voto, o fim da segregação em transportes públicos e nas escolas, entre outros. Porém, apesar das conquistas políticas no campo da legislação, a segregação nas relações pessoais não teve fim, retratando a continuidade do racismo na sociedade norte americana.

O retrato histórico nas páginas de *X-Men*

Durante a década de 1960, a *Marvel Comics* criou diversas sagas com novos personagens emergentes e, dentre eles, em 1963, surgiram os *X-Men*, caracterizados por ser um grupo mutante na escalada da evolução genética da humanidade. Com esta criação, Stan Lee introduziu uma nova concepção de poderes aos quadrinhos marvelianos, afinal, diferente de outros super-heróis, os mutantes eram personagens que já nasciam com seus “superpoderes”, sem precisar adquiri-los por meio de eventos extraordinários. É essencial apontar que, desde seu início até os dias atuais, na trajetória dos quadrinhos e na construção de suas narrativas, os *X-Men* são alvos do preconceito direcionado pela “raça” humana, sejam por discursos intolerantes ou atos violentos. Dessa forma, é possível notar que a maneira como tais personagens foram concebidos não tenha sido despropositada. A perseguição às pessoas pelo simples fato de terem nascido “diferentes” era algo que estava na ordem do dia nos Estados Unidos, principalmente no que diz respeito ao tema da “raça”.

Frente a análise histórica levantada e a breve introdução do conceito de “mutantes” no universo fictício criado, é possível se perceber uma primeira relação entre os quadrinhos dos *X-Men* e a sociedade a qual vinha sendo assistida, estabelecendo de que forma esse veículo da cultura pop¹⁵ nos Estados Unidos da década de 1960 buscou transmitir acontecimentos e críticas a episódios recentes. Vale ressaltar que a análise dos quadrinhos é feita a partir de sua narrativa crônica, ou seja, da sua reflexão do cotidiano nas páginas de histórias

¹⁵ Mistura de ideias, imagens, atitudes e perspectivas, que caracterizam uma determinada cultura e que são adoradas pela população em geral.

fictícias¹⁶, sob a premissa de que os autores do quadrinho tentaram transpor o discurso discriminatório e violento que ocorria na sociedade norte-americana frente aos negros e o movimento por direitos iguais.

Na primeira fase das histórias em quadrinhos dos X-Men, dirigida por Stan Lee e Jack Kirby¹⁷, há a transposição desses acontecimentos históricos ocorridos entre a década de 1950 e o início da década de 1960. Nas histórias iniciais dos X-Men, o grupo de mutantes sofre discriminação por parte da população humana, seja na segregação, seja na violência. Ao final de 1965 e início de 1966, nas edições de número 14 a 16 de *The X-Men*, os autores do quadrinho introduzem novos personagens, a fim de transpor à história o discurso discriminatório e violento que ocorria na sociedade norte americana frente aos negros e o movimento por direitos iguais. Bolivar Trask¹⁸ é um personagem caracterizado pelo seu preconceito contra os mutantes, fundamentado no medo dos poderes destes e o potencial perigo que oferecem a humanidade, como podemos conferir a seguir.

Figura 1: Imagem do Professor Xavier lendo discurso de Trask no jornal.



Fonte: "The X-Men: #14 – Entre nós espreitam... os Sentinelas!", p. 06. (1965)

¹⁶ GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. 9a Ed. São Paulo: Editora Àtica, 2006.

¹⁷ Co-criador, roteirista e desenhista da fase inicial dos X-Men.

¹⁸ Personagem fictício das HQ's dos X-Men. Cientista militar criador dos sentinelas.

A partir de seu discurso de intolerância que previa o desenvolvimento do medo como agente exclusivo para os mutantes, Trask expande seu ideal a outro nível, construindo os Sentinelas - andróides projetados para localizar e exterminar mutantes (os quais estarão presentes constantemente nas histórias dos X-Men). Ao longo da história desenvolvida nas três edições, Trask aparece em rede nacional para mostrar à população o projeto sentinela, porém, os robôs escapam de seu controle e passam a agir por conta própria, demonstrando um perigo tanto para os mutantes quanto para a humanidade.

Figura 2: Sentinelas saindo do controle de Trask e mostrando hostilidade com a humanidade em meio a uma transmissão televisiva nacional.



Fonte: "The X-Men: #15 Entre nós espreitam... os Sentinelas!", p. 08. (1965)

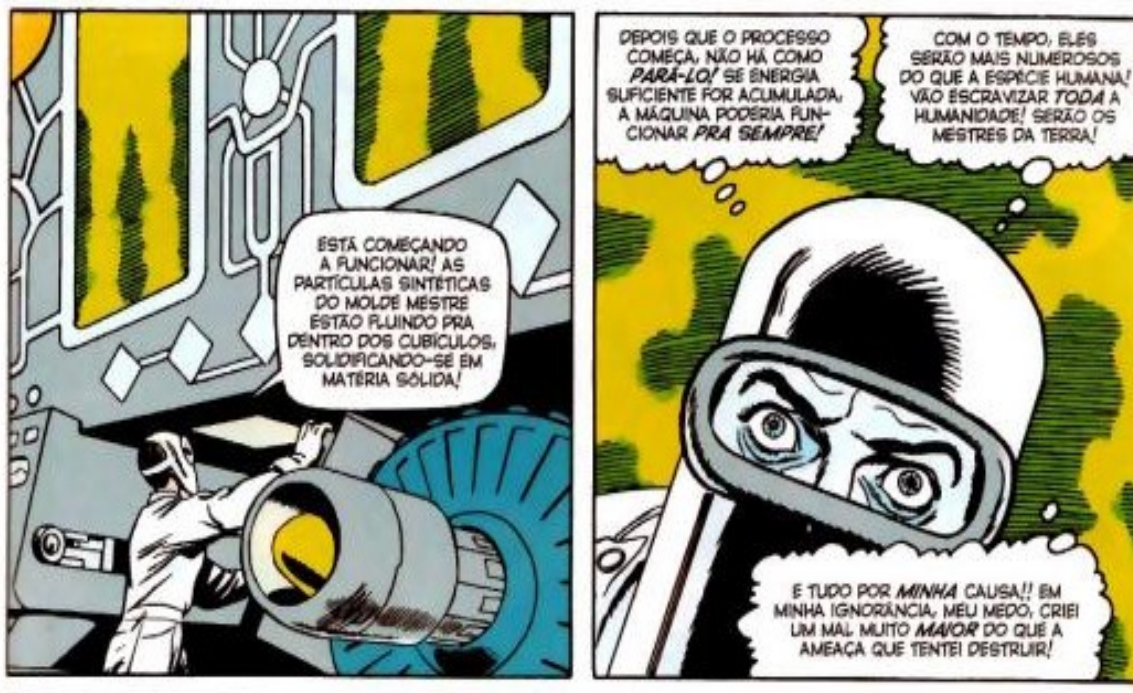
Nesse arco da história, Stan Lee e Jack Kirby personificam o preconceito na imagem dos Sentinelas, criados a partir de um discurso proferido por Trask, e levantam diversas reflexões acerca do que significa transmitir um discurso intolerante e quais as consequências desse ato. Além disso, também buscam retratar de maneira análoga o episódio dos protestos em Birmingham de 1963, ao reproduzir a violência da repressão causada pela intolerância de Trask em rede nacional, de forma a mobilizar a opinião pública contra esse ato e consequentemente contra o projeto sentinela. A reflexão proposta pode ser observada nas seguintes cenas dos respectivos quadrinhos.

Figura 3: Sentinelas expõem o plano de dominar a humanidade, e Trask tomando consciência do que seu discurso intolerante desencadeou.



Fonte: "The X-Men: #15 – Prisioneiros do Misterioso Molde Mestre", p. 07. (1965)

Figura 4: Trask refletindo as consequência da criação dos Sentinelas – reflexão da narrativa sobre desdobramento da intolerância;



Fonte: "The X-Men: #15 – O Sacrifício Supremo!", p. 16. (1966)

Figura 5: equipe dos X-Men saindo do esconderijo sentinela após a explosão causada por Trask – reflexão objetiva dos autores sobre o preconceito.



Fonte: "The X-Men: #15 – O Sacrício Supremo!", p. 20. (1966)

A partir do desfecho encaminhado ao longo da narrativa, é possível perceber a proposta de uma reflexão acerca das consequências que o discurso intolerante pode gerar aos elementos envolvidos e envoltos da ação. Os roteiristas direcionam Trask, o próprio criador da alegoria do ódio, ao arrependimento e esclarecimento acerca das consequências de seus atos, assim como expressam que os resultados do evento não puderam ser revertidos de maneira simples. A mensagem final, por outro lado, foge à subjetividade da reflexão alegórica, e leva o leitor diretamente à mensagem que a história busca passar: a de que, apesar da vitória dos oprimidos, a ameaça das consequências criadas a partir da intolerância se mostra contínua. Tal pensamento faz relação direta com a sociedade contemporânea da produção, a qual apesar das diversas vitórias institucionais por parte do movimento negro, ainda lidava com a intensa segregação racial.

Assim, é possível se concluir que os quadrinhos de *X-Men* podem ser entendidos como um material válido de análise histórica, uma vez que estes enquanto forma de arte e de cultura popular, buscavam transmitir os valores e os episódios presentes na sociedade em que estavam inseridos, de forma a levantar críticas e reflexões direcionadas aos leitores da revista. A forma como os criadores das histórias buscaram representar minorias sociais através de uma nova "raça" alvo de discriminação é muito clara, e as críticas e reflexões demarcam o posicionamento contrário dos mesmos frente a segregação social e o preconceito que assolava os Estados Unidos à décadas.

FONTES

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Constituição (1787). Contitution Of The United States, Washington D.C. Disponível em: <https://www.archives.gov/founding-docs/amendments-11-27>. Acesso em 27/04/2020.

WITH Great Power: The Stan Lee History. Direção & Produção: Nikki Frakes, Terry Douglas & Will Hess. Nova York: Filmbuff, 2012, 1 DVD (80 min).

Os X-Men #14: Entre nós espreitam... os Sentinelas! In: Biblioteca Histórica Marvel Vol. 2. SP: Panini Brasil LTDA. 2008.

Os X-Men #15: Prisioneiros do misterioso Molde Mestre. In: Biblioteca Histórica Marvel Vol. 2. SP: Panini Brasil LTDA. 2008.

Os X-Men #16: O Sacrifício Supremo! In: Biblioteca Histórica Marvel Vol. 2. SP: Panini Brasil LTDA. 2008.

REFERÊNCIAS

BROGAN, Hugh. *Unfinished Business 1954-68*. In: _____. The Penguin History of the USA. 2a. Ed. New York: Penguin Books, 2001, p. 615-644.

FONER, Eric. *Nada além da Liberdade: A emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. 9a Ed. São Paulo: Editora Àtica, 2006.

KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement: abridged edition of "From Jim Crow to civil rights the Supreme Court and the struggle for racial equality"*. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

PACKARD, Jerrold M. *American Nightmare: the history of Jim Crow*. New York, St. Martin's Griffin, 2003.

PURDY, Sean. *Rupturas do Consenso: 1960 - 1980*. In: KARNAL, Leandro (et al.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo, Contexto, 2008, p. 235-256.

SYRETT, Harold C. (org.). *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 246

Artigo recebido em 4/1/2021 e aprovado em 27/08/2021.